

Globethics Repository



Além das caricaturas [In addition to the cartoons]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Küng, Hans, 1928-
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-16 04:37:58
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162561

mais superficial terão sucesso nesse novo modelo.

Valor: O senhor acredita que o conceito de família fica ameaçado com esse cenário?

Sennett: Nos estudos que realizamos conseguimos traçar uma linha clara entre trabalho e família. A princípio, parece não haver uma ameaça clara.

Quem prospera nesse sistema são pessoas que se sentem confortáveis com a instabilidade. E isso tem a ver com a idade. O novo capitalismo funciona muito bem para os jovens. Mas quando as pessoas chegam aos 40 anos, no meio de sua vida, não conseguem administrar bem essa instabilidade.

Teologia Pública

Além das caricaturas: "somos co-responsáveis do ressentimento histórico contra o ocidente"

Entrevista com Hans Küng

Traduzimos e publicamos a seguir uma entrevista realizada com o teólogo alemão Hans Küng à Uwe Renz e publicada no sítio da Katholische Nachrichten Agentur (KNA - <http://www.kna.de>), em 7 de fevereiro de 2006. **IHU On-Line** conversou por telefone com Hans Küng que autorizou à nossa redação a tradução e reprodução da entrevista que segue, sobre o tema das caricaturas de Maomé.

Uma entrevista exclusiva com Hans Küng está sendo negociada pela redação da **IHU On-Line**.

Hans Küng é padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, Alemanha, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela

Sr. Prof. Küng: o Ocidente está espantado e impotente diante dos desdobramentos, nos países islâmicos, sobre as instituições ocidentais. O senhor pode explicá-los como consequência do fenômeno surgido com as caricaturas de Maomé?

Estamos nos confrontando explosivamente com diversos conflitos, problemas e políticas, que fazem a situação parecer como altamente caótica. Evidentemente eu, como aliás todas as grandes organizações muçulmanas na Europa, sou contra qualquer reação violenta, tanto contra indivíduos como contra instituições ocidentais, e eu condeno as ameaças de aniquilação do presidente iraniano Ahmadinedschad contra o Estado de Israel. Simultaneamente, porém, não deveríamos deixar de dar-nos conta de que as caricaturas são apenas o estopim para frustrações e ressentimentos mais profundos existentes no mundo islâmico; sobre nossa co-responsabilidade com isso nós, no Ocidente, deveríamos refletir sobre a nossa co-responsabilidade, ao invés de apenas apontar com o dedo para o Islã.

Fala-se de um *Clash of Civilizations*¹⁴, de um choque das culturas, como o fez o politólogo Samuel Huntington. O senhor lhe dá razão?

Não, sua teoria, demasiado simples e esquemática, permanece falsa, porque as culturas não fazem guerras uma contra a outra. Elas se sobrepõem em muitos campos e têm muito em comum, de modo que pessoas de outras

culturas também podem realmente conviver pacificamente. Entretanto, uma falsa política, baseada numa imagem inimiga do Islã, pode favorecer o pensamento bloqueador e tornar verdadeira esta falsa teoria: ela se tornará, então, uma profecia que se auto-realiza.

O crescente conflito das caricaturas poderia ter sido evitado?

Sem dúvida. O primeiro ministro dinamarquês Rasmussen, numa avaliação totalmente falha, perdeu diversas chances de diálogo:

1. Já aos 15 de outubro de 2005, ele ignorou a grande demonstração de muçulmanos dinamarqueses, até então não inclinados a demonstrações públicas, diante da Prefeitura de Copenhague.
2. Ele rejeitou bruscamente a solicitação dos mensageiros de onze nações muçulmanas para um diálogo.
3. Ele não percebeu a gravidade da subsequente viagem de líderes muçulmanos dinamarqueses de Copenhague até o Cairo, para obter ajuda com seus companheiros de fé, que, dessa forma, levaram a notícia da ofensa ao profeta a todo mundo muçulmano.
4. Mesmo diante das primeiras irrupções de ira em nações islâmicas ele, por razões meramente formais, recusou a apresentação de uma clara desculpa para uma provocação conscientemente planejada por um jornal filiado ao governo, o qual, de forma leviana, queria testar os limites da liberdade de opinião.

¹⁴ **Clash of Civilizations:** Choque de Civilizações. Sobre o tema Samuel Huntington escreveu *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Publicado originalmente com o título *The clash of civilizations and the remaking of world order*. (Nota da *IHU On-Line*)

Isso constitui uma honrada indignação de muçulmanos, ou os fundamentalistas islâmicos fomentam a ira popular?

Indubitavelmente, há islamitas radicais, para os quais as caricaturas são uma favorável confirmação de sua distorcida imagem do Ocidente, que instrumentalizam a ira popular. Os protestos não eram concebidos centralizadamente, porém conduzidos por determinadas organizações. Esta ira popular nem poderia ser instrumentalizada, se o Ocidente não tivesse acumulado tanto material político incendiário, de modo a ser necessária apenas uma faísca para fazer explodir a frustração e a ira acumuladas cujas causas mais profundas são:

- a guerra no Afeganistão, que realmente poderia ter sido evitada;
- a guerra no Iraque, contraria os direitos dos povos, foi imoral, baseada em mentiras;
- o regime de opressão na Chechênia muçulmana;
- a fundação, diferida há décadas, de um estado palestino coeso e em condições reais de vida, bem como a construção de um muro atravessando o país.

Os efeitos do conflito das caricaturas também já são visíveis sobre a política exterior alemã?

Infelizmente sim, embora eles tenham a ver apenas indiretamente com o conflito das caricaturas. No entanto, posicionamentos políticos unilaterais para a política israelense perante o Hamas são consideradas, no mundo islâmico, inimigas do Islã. Estabelecer uma posição equilibrada e corajosa seria a melhor diplomacia para ambos os lados.

Sempre se repete que o Islã não realizou a revolução iluminista, como o cristianismo, entrando, por isso, em conflito com formas sociais

modernas. Pode-se impor o iluminismo?

Nem iluminismo, nem democracia podem ser impostos a um povo de fora, por uma guerra. Na Europa, este foi um processo de séculos. Este movimento deve iniciar dentro e ser simultaneamente apoiado de fora. Entretanto, ao invés de os Estados Unidos terem apoiado o presidente iraniano Mohammad Khatami, disposto a reformas, eles o desqualificaram como representante de um “eixo do mal” – trocando-o, então, pelo fundamentalista extremista Ahmadianeschad.

Os desdobramentos foram provocados por caricaturas de Maomé em jornais ocidentais. Insistiu-se com um chefe de redação que a mídia deveria pedir desculpas. A liberdade de opinião e de imprensa corre, agora, perigo?

Certamente não. Evidentemente a liberdade de opinião e de imprensa, constitucionalmente garantida, deve ser prezada sempre. A liberdade de imprensa, contudo, também inclui responsabilidade jornalística.

O InterActionCouncil de antigos chefes de Estado e de Governo, sob a orientação do antigo chanceler Helmut Schmidt, já se pronunciara há algum tempo por uma “Declaração Universal dos Deveres Humanos”, a qual deveria apoiar a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Infelizmente, ela foi atacada precisamente por associações internacionais de imprensa, porque nela o artigo 14 formula claramente: “A liberdade da mídia traz consigo uma responsabilidade específica por uma exata e verídica informação. Relatos sensacionalistas, que rebaixam a pessoa ou a dignidade humana, devem sempre ser evitados”.

Isso significa: se já não é permitido difamar indivíduos e feri-los em sua dignidade, então, na mídia, também se deveria tratar com discrição os líderes religiosos da humanidade, quer se trate

de Maomé ou de Jesus Cristo. Defensores inconseqüentes de uma ilimitada liberdade de imprensa causam prejuízo a essa mesma liberdade e

despertam, então, reações inadequadas. Alegria-me que, no âmbito da mídia, códigos de ética são formulados e adotados com sempre maior frequência.

Filme da semana

Os filmes comentados nesta editoria já foram assistidos por algum colega do IHU.

O Fim e o Princípio

Ficha técnica

Título Original: O Fim e o Princípio

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Eduardo Coutinho

Sínpse: Sem pesquisa prévia, sem personagens, locações nem temas definidos, uma equipe de cinema chega ao sertão da Paraíba em busca de pessoas que tenham histórias para contar. No município de São João do Rio do Peixe a equipe descobre o Sítio Araçás, uma comunidade rural onde vivem 86 famílias, a maioria ligada por laços de parentesco. Graças à mediação de uma jovem de Araçás, os moradores - na maioria idosos - contam sua vida, marcada pelo catolicismo popular, pela hierarquia, pelo senso de família e de honra.

O Fim e o Princípio

Por Ricardo Calil

Ricardo Calil é jornalista e crítico de cinema. Escreve para o site Nomínimo, onde publicou, dia 18.11.2005, o artigo que reproduzimos a seguir. O filme está em cartaz na sala de cinema do Santander Cultural, em Porto Alegre. Confira no site www.unisinos.br/ihu, nas notícias do dia 07 de março, uma entrevista com Eduardo Coutinho originalmente publicada no jornal *O Globo*, de 21 de novembro de 2005.